

Resposta ao pequeno canalha

Simpático:

Recebi a sua carta. Os erros de português indicam a legitimidade da procedência. “Alibe” ao invés de “alibi”. “Compesação” ao invés de “compensação”. “Desfexo” com “x”. “Família” com “lh”. “Doubrou”, “avalanxe” e outras pérolas que mostram o burro que você é, Ronaldo. O burro e o preguiçoso, o aluno relapso e o homem sem caráter que geraram em você o monstro do Pôsto Seis. A seu lado, o seu defensor Wilson Lopes dos Santos chega a ser um gênio, um amigo da gramática. Perto do seu arrazoado, uma página do Mário Figueiredo lembraria Shakespeare. (Não joga no Flamengo, não, Ronaldo.) A única coisa, as únicas letras que você sabe juntar sem sombra de êrro, automaticamente, carinhosamente, generosamente, são as letras de um nome: Souza Netto. Nesse ponto a sua gramática não manca, o seu vernáculo é impecável, na acen-

tuação inexistente, na duplicidade das letras e do caráter. Porque êsse nome significou para você a porta aberta da impunidade.

Acontece, Ronaldozinho, centauro com cabeça de cavalo, que as suas ameaças só atemorizam a meninas indefesas, as meninas que a sua covardia, engordada pelo dinheiro do seu pai, mata sem remorso, como se tudo fôsse um simples aborrecimento passageiro. Não houvera o processo, antecedido pelo inquérito policial, e o fato estaria completamente esquecido pelo selvagem do asfalto que é você, pedaço de carne que anda, monte de músculos que caminha, feixe de nervos, pele e cabelos que têm tôda a aparência de ser humano — mas não passa de uma coisa. Essa coisa fria e sórdida que é você, pequeno canalha.

Quando me lembro de seu rosto barbeado, escanhado, voltado para as môças da loja central de Vitória, agora, recentemente, dias depois da impronúncia, distribuindo autógrafos, como se fôra pessoa notável, como galã que chegasse vitorioso à sua terra natal, deixando o seu nome nos livrinhos de recordações das meninas do Espírito Santo, com essa mesma e assassina mão que matou Aída Cúri — começo a acreditar na justiça que devem fazer as nossas próprias mãos.

Quando me lembro de você, Ronaldo, no Hotel Quisisana, de Poços de Caldas, em pleno carnaval, o primeiro carnaval de liberdade que o generoso desinterêsse do Juiz Souza Netto lhe proporcionou; quando me lembro de você, quando imagino você saltando na sala, sambando no cordão, pulando ao ritmo da orquestra, enquanto no Rio de Janeiro uma senhora pobre, viúva e sem a filha, clama por justiça, grita por justiça, chora por justiça — vejo que alguma coisa está errada.

Quando sei que você, Ronaldo, comparece ao banho de mar do Pôsto Seis, o quilômetro de areia onde a sua tara é a sua glória, e ali conversa, passeia a sua vaidade, distribui os seus sorrisos e alardeia a sua popularidade — penso que isto só poderia acontecer num país que tivesse

perdido tôda a sensibilidade, tôda a vergonha, tôda a noção de honra e o sentimento do dever, mau perfumado fístulazinho. O dever de eliminar tipos da sua espécie, criminosos do seu feitio, seja pelo alijamento da sociedade, seja por outros meios mais convincentes, mais definitivos. Se alguma vez a pena de morte se justificou entre nós, a honra lhe pertence, Ronaldo Guilherme de Souza Castro.

O Ministro Nelson Hungria afirma, como princípio geral, que o delinqüente jovem é um produto do meio, um resultante do ambiente familiar e social corrompido. Outros diriam que a questão não é de grade, mas de escolas, inclusive para certos pais que precisam educar-se para educar os filhos. No comum dos casos, os pais têm os filhos que merecem.

Seu pai, Ronaldo, teve bem o filho que merecia. Consultem-se as velhas famílias do Espírito Santo, e se terá a idéia exata de que nunca o fator hereditariedade teve tanta influência. Você cresceu, Ronaldo, com o exemplo paterno dentro e fora de casa, a guiar-lhe os passos, a mostrar-lhe os caminhos da vida imoral que seria tôda a sua vida de môço, tão curta, mas pontilhada de desgraças alheias, misérias, infortúnios espalhados em outros lares, um monturo moral que não havia sido começado por você, que vinha da outra geração. Sabendo, como sabia, das falhas paternas, delas você fazia a sua arma de chantagem — e foi assim que se tornou, dentro da imoralidade, um adulto e, dentro da falta de caráter e de escrúpulo, um emancipado. No Cassino de Guarapari, dava tiros sôbre as mesas de bacará. Perseguiu as meninas e tentava burlar a cidadela da inocência com a sua lábia. Você tinha irmãs, Ronaldo. Mas, a desgraça, a desonra que você levava a outros lares com a sem-cerimônia de um obliterado mental, para quem as regras, os limites, a ética nada significavam, eram apenas desgraça e desonra em outros lares, nos lares alheios.

Veio para o Rio. Aqui se aperfeiçoou na universidade do crime sexual, sem se esquecer de detalhes, sem hesitar ante barreiras, experimentando de tudo, levando ao máximo

a sua irresponsabilidade de filho de ninguém. Porque você, Ronaldo, era (e é) órfão de pais vivos, mais órfão que os filhos dos internados em Curupaiti, porque êstes, segregados, rezam pelos seus filhos e buscam velá-los com os olhos e as mãos dos outros. Você, não, lázaro moral, você se atirou a um mundo todo seu, de luxúria, e boçalidade, fazendo de cada môça uma nova meta, fazendo de cada aventura difícil o seu único objetivo na vida. Filiou-se ao Sindicato da Curra. E se tornou o presidente dos tarados.

Não preciso dizer a você os estatutos do Sindicato da Curra. Mas necessito dizer aos outros. A todos os pais, inclusive ao seu, Ronaldo, a todos os pais que têm filhas e desejam preservá-las das garras sujas da desonra, principalmente agora que a sentença de um juiz generoso abriu um atalho de impunidade para os sindicalizados não expiarem os seus crimes na prisão. Os raros de seus crimes que vêm ao conhecimento público, porque a maioria permanece em sigilo.

O Sindicato da Curra tem, como artigo primeiro, a norma estabelecida de que a virgindade é um defeito, uma doença, um aleijão e que, ao ser libertada dessa chaga, a môça deve ser grata eternamente aos seus benfeitores. Não é preciso dizer o resto para defini-los. Você, moralmente, é um dêsses tipos, Ronaldo. Um desmoralizado jovem que não deveria ter família para manchar com suas ações tão baixas e tão criminosas.

De que maneira age o seu sindicato, Ronaldo?

Muito simples. Um de seus membros observa a passagem de uma bela jovem. Atraente e sedutora. Segue-a até o local de estudos ou a residência. Colhe informações. O nome, a filiação, se trabalha etc. Êsse é o papel do "pichador", do "olheiro", o espião do Sindicato da Curra. (Tais informações me foram dadas pessoalmente por um ex-membro da organização. Conviveu, durante meses, com Ronaldo, Alberto Papua, Cácio e outros. Sabe de todos os truques e de todos os meios usados pelo Sindicato.) Ora, pronta a ficha da môça, entra em ação o "boa conversa".

Esse papel é confiado ao membro do grupo que possui melhor voz e maior facilidade de expressão. Telefona para a môça, fala-lhe sôbre detalhes seus, sôbre coisas de sua vida, do colégio, nomes de amiguinhas etc. A môça, naturalmente, se espanta e, lógicamente, se interessa. Aceita o encontro.

Nessa altura, o “boa pinta” é chamado a desempenhar o seu papel. O mais bonito. O bem vestido. Perfumado. Encaminha-se para o local e ali trabalha a môça, sem pressa. Quase sempre, o primeiro encontro é o da “mise-en-scène” e do preparativo. Cria-se um ambiente de namôro em redor da môça. — “A excitação da curra” — confessou-me o tal informante — “não está no ato final. Mas, desde o primeiro momento, desde que se vê a môça passar, desde que se assiste ao primeiro contato depois do primeiro telefonema, até o epílogo”. O epílogo que se realiza no ponto exato onde os namorados — o “boa pinta” e a môça — se encontram para conversar sem testemunhas. A môça é môça. Sentimental, romântica, vendo no “boa pinta” um comêço de história. Beijam-se, talvez. Nisto, chegam quatro homens. (São os companheiros de sindicato.) Agridem o namorado. Esmurram-no. Exigem-lhe todo o dinheiro, todos os valôres. Dela também. Possuem-na e obrigam o acompanhante a fazer o mesmo. Finalmente, retiram-se, deixando os dois amarfanhados, feridos, roubados. Êle se lembra logo de chamar a Polícia. Ela, chorando, protesta. A Polícia é a publicidade da vergonha. E o sucesso da curra está na impunidade e no silêncio. Voltam para casa. Ela em lágrimas. Êle parece desolado, por fora, quando, interiormente, goza a delícia. Enquanto, para ela, talvez, a rótula se tenha aberto.

Não, êsses moços não têm irmãs. Você não tem irmãs, Ronaldo. Você é um pária e nasceu só.

Esta é a minha resposta:

— Cafajestezinho bem vestido e de óculos negros, óculos que inventou não sei se para fugir ao Serviço Militar ou para ocultar a burrice e a maldade. Meu Nerozinho

capixaba, você me convida para brigar, em seu bilhete, naquele pedaço em que diz:

— “Sr. David Nasser, reservo-me para, depois de tudo encerrado, o procurar, a fim de, frente a frente, o Sr. repetir os insultos que covardemente lançou pelas colunas do “O Cruzeiro”.

(a) *Ronaldo*”.

Você fêz bem, Ronaldo, em assinar sòmente o primeiro nome. Não por seu pai que é o seu exemplo, o exemplo de sua vida, a lição onde você aprendeu a ser o que é. Mas por sua família. Por sua cidade. Por sua província.

Você pede que esperemos, canalha deslavado, o fim do processo, para que ajustemos as nossas contas. Frente a frente. De homem para homem.

Antes de tudo, um tipo que faz o que você fêz, Ronaldo, não é homem nem aqui nem na Praça Tiradentes. Pertence ao sexo neutro dos amorais, àqueles que não agridem a moral, porque estão acima e abaixo dela: são apenas patifes do seu quilate, Ronaldo. Não podem, portanto, querer brigar com homem e como homem. Um homem não leva uma menina para um terraço e, só porque ela se recusa, joga-a lá de cima, depois de esmurrá-la. Você não pertence, Ronaldo, à nossa espécie. Você é vertical, Ronaldo. Anda de pé, usa as mãos. Mas, realmente, é um animal, uma fera, uma bêsta, humana, mas bêsta.

Quer enfrentar-me? Quer encontrar-se comigo, frente a frente, diz você, eunuco moral. E usa daquele artifício, jogando sua prima na fogueira e preparando uma cilada, uma tocaia. Sòmente falhou em um ponto de seus planos: não os retificou para o assassinato de um homem. Imaginava que ia ao encontro de uma menina. Ou de um asteróide como você, Ronaldo, asteróide que brilha de dia e brilha de noite, não se sabe de onde lhe vem a luz.

Quando quiser encontrar um homem, Ronaldo, venha de frente. Porque você, matador de meninas, não é homem,

nem aqui nem no Espírito Santo. Você só usa calças, mais nada. Venha quando quiser, como quiser e aonde quiser. Venha como se fôsse o homem que você não é. Venha, mas venha só, Pequeno Canalha.

DN (Rua do Livramento, 203 - 7º andar)

P. S. — Já estava composto êste artigo quando o Conselho de Justiça revogou a sentença do Juiz Souza Netto, a mesma que concedia a liberdade a Ronaldo e ao porteiro. A ordem de prisão foi encaminhada à Chefatura de Polícia. Lugar de criminoso é na cadeia. Está restabelecido o prestígio da magistratura brasileira. Quanto ao Juiz Souza Netto, tem saído armado de casa. Se êle usa o revólver como usa a caneta, não há perigo. O tiro sai sempre pela culatra.